

Sobre pandemias e os direitos (de todos) animais

Vanessa Negrini

Núcleo de Estudos sobre Direitos Animais e Interseccionalidades,
Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-4195-1115>
negrini.vanessa@gmail.com

Elen Cristina Geraldês

Núcleo de Estudos sobre Direitos Animais e Interseccionalidades,
Universidade de Brasília. Brasília, Brasil.
<https://orcid.org/0000-0003-0073-2001>
elenger@ig.com.br

Kênia Augusta Figueiredo

Departamento de Serviço Social, Universidade de Brasília. Brasília,
Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-1401-8215>
figueiredo.kenia@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5921437>

Recebido / Recibido / Received: 2021-04-30
Aceitado / Aceptado / Accepted: 2021-06-30

Este trabalho está licenciado com uma
Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

Resumo

A tragédia sanitária causada por uma zoonose, que já matou mais de 3 milhões de pessoas em todo o mundo, coloca em evidência que falar de direitos animais é essencialmente falar de direitos humanos. O novo agente do coronavírus (Covid-19) nos impele ao reconhecimento da interdependência de todas as coisas vivas, e nos leva a refletir sobre a relação entre animais humanos e não humanos. À luz do propósito institucional do Núcleo de Estudos sobre Direitos Animais e Interseccionalidades (NEDAI/CEAM/UnB), faremos uma revisão bibliográfica a fim de identificar as possíveis relações entre violações de direitos animais e a proliferação de pandemias que acabam vitimando também os animais humanos. Discutiremos os efeitos programados da indústria capitalista da produção animal no meio ambiente e proliferação de doenças. E vamos examinar dois momentos em que a violação dos direitos animais acaba se voltando contra os

animais humanos, favorecendo a proliferação de pandemias: a criação intensiva de animais de produção e a indústria de animais de estimação. Conforme veremos, como forma de se auto preservar, os animais humanos precisam encontrar uma forma harmoniosa de respeitar os direitos dos não humanos e da natureza.

Palavras-chave: Animais; Coronavírus; Covid-19; Direitos animais; Direitos humanos; NEDAI; Pandemia.

About pandemics and (all) animals rights

Abstract

The health tragedy caused by a zoonosis, which has already killed more than 3 million people worldwide, highlights that talking about animal rights is essentially talking about human rights. The new coronavirus agent (Covid-19) urges us to recognize the interdependence of all living things, and leads us to reflect on the relationship between human and non-human animals. In light of the institutional purpose of the Center for Studies on Animal Rights and Intersectionality (NEDAI / CEAM / UnB), we will review the literature in order to identify the possible relationships between animal rights violations and the proliferation of pandemics that end up also victimizing human animals. We will move on to the history of the main pandemics already faced. We will discuss the programmed effects of the capitalist industry of animal production on the environment and the proliferation of diseases. And we are going to examine two moments when the violation of animal rights ends up turning against human animals, favoring the proliferation of pandemics: the intensive breeding of farm animals and the pet industry. As we will see, as a way of preserving themselves, human animals need to find a harmonious way of respecting the rights of non-human animals and nature.

Keywords: Animals; Animal rights; Coronavirus; Covid-19; Human rights; NEDAI; Pandemics.

Sobre las pandemias y los derechos (de todos) los animales

Resumen

La tragedia sanitaria causada por una zoonosis, que ha matado a más de 3 millones de personas en todo el mundo, pone de manifiesto que hablar de los derechos de los animales es esencialmente hablar de los derechos humanos. El nuevo agente del coronavirus (Covid-19) nos impulsa a reconocer la interdependencia de todos los seres vivos,

y nos lleva a reflexionar sobre la relación entre los animales humanos y no humanos. A la luz del propósito institucional del Centro de Estudios sobre Derechos Animales e Interseccionalidades (NEDAI/CEAM/UnB), haremos una revisión bibliográfica para identificar las posibles relaciones entre las violaciones de los derechos de los animales y la proliferación de pandemias que terminan victimizando también a los animales humanos. Discutiremos los efectos programados de la industria capitalista de producción animal sobre el medio ambiente y la proliferación de enfermedades. Y examinaremos dos momentos en los que la violación de los derechos de los animales acaba volviéndose contra los animales humanos, favoreciendo la proliferación de pandemias: la cría intensiva de animales de producción y la industria de los animales de compañía. Como veremos, como forma de preservarse, los animales humanos necesitan encontrar una forma armoniosa de respetar los derechos de los animales no humanos y de la naturaleza.

Palabras clave: Animales; Coronavirus; Covid-19; Derechos de los animales; Derechos humanos; NEDAI; Pandemia.

1 Introdução

A tragédia sanitária causada por uma zoonose¹ que já matou mais de 3 milhões² de pessoas em todo o mundo coloca em evidência que falar de direitos animais é essencialmente falar de direitos humanos. Um ano e quatro meses após ser identificado, o novo agente do coronavírus (Covid-19) nos impele ao reconhecimento da interdependência de todas as coisas vivas, e nos leva a refletir sobre a relação entre animais humanos e não humanos.

Relatório da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU, 2013) indicou que ao menos 70% das enfermidades que apareceram a partir da década de 1940 tiveram origem na exploração animal. A expansão agrícola e a interatividade entre animais humanos e não humanos fizeram com que novas doenças surgissem e se disseminassem rapidamente, como HIV-1, encefalopatia espongiforme bovina (doença da vaca louca), síndrome respiratória aguda grave (Sars) e diversos vírus da gripe (suína, aviária, etc.). A Covid-19 é mais um capítulo dessa história.

Em atividade desde 2019³, a criação do Núcleo de Estudos sobre Direitos Animais e Interseccionalidades (Nedai), do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (Ceam), foi referendada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da Universidade de Brasília (UnB), em 11 de março de 2021. Em boa hora, o NEDAI é institucionalizado com o objetivo de promover atividades de ensino, pesquisa e extensão, relacionadas aos diversos âmbitos da temática dos direitos animais, levando em consideração a interseccionalidade com as lutas sociais, ambientais e políticas, promo-

1 Zoonoses são doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais não humanos e humanos.

2 Dados estatísticos do coronavírus (Covid-19) consolidados diariamente pelo Google. No dia 23 de abril de 2021, o número de pessoas mortas pela pandemia em todo o mundo chegou a 3.070.000 (três milhões e setenta mil).

3 Inicialmente, os pesquisadores se organizaram a partir do Grupo de Estudos sobre Direitos Animais e Interseccionalidades (GEDAI), com a oferta da disciplina Mobilização Pública e Direitos Animais, e a realização de diversas ações para difusão do tema.

vendo o combate ao especismo, perseguindo o horizonte da libertação de animais não humanos e humanos de todas as formas de opressão. Nada mais oportuno, uma vez que ao violarmos os direitos animais, os humanos também acabam vitimados, seja pela proliferação de pandemias, pelo impacto da degradação ambiental e no clima, pela repercussão na saúde, pelos desdobramentos na segurança e soberania alimentar.

Neste artigo, à luz do propósito institucional do NEDAI, faremos uma revisão bibliográfica a fim de identificar as possíveis relações entre violações de direitos animais e a proliferação de pandemias que acabam vitimando também os animais humanos. Discutiremos os efeitos programados da indústria capitalista da produção animal no meio ambiente e proliferação de doenças. E vamos examinar dois momentos em que a violação dos direitos animais acaba se voltando contra os animais humanos, favorecendo a proliferação de pandemias: a criação intensiva de animais de produção e a indústria de animais de estimação. Por fim, falaremos de esperança, sobre modelos para a superação da crise atual e futuras.

2 Sob o domínio dos homens

O historiador israelense Yurval Noah Harari (2016) chama a atenção para o fato que antes do antropoceno – a era da humanidade – nunca uma única espécie sozinha havia mudado tanto a ecologia global. Atualmente, mais de 90% dos animais que pesam mais do que alguns quilos, ou são humanos ou animais domesticados pelos humanos para o seu uso. O autor apresenta um gráfico com a biomassa global desses animais de maior porte: em toneladas, somos 700 milhões t. de animais domesticados, 300 milhões t. de animais humanos e 100 milhões t. de animais selvagens.

Isso significa que os animais humanos e os animais que os humanos elegeram criar (seja para explorar e comer, no caso dos animais de produção; ou amar, quando se trata dos animais de estimação) dominam o cenário terrestre em detrimento de todos os demais seres, com consequências desastrosas para a natureza, favorecendo a criação de um ambiente fértil para a propagação de novas doenças.

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU), em 2019, em todo o mundo, matamos pelo menos 80 bilhões de animais terrestres para alimentação de humanos e seus animais de estimação. Considerando que em 2020 a população mundial se encontra na casa de 7,79 bilhões de pessoas, significa que anualmente matamos um número de animais terrestres equivalente a dez vezes a quantidade de humanos. Além disso, mantivemos 8,2 bilhões de fêmeas reféns do sistema de produção de ovos e leites.

O número de animais aquáticos abatidos é ainda mais expressivo. Utilizando dados da FAO/ONU sobre a produção mundial de pesca em toneladas, a organização não governamental FishCount (2007-2016) calculou o número de indivíduos capturados. Estima-se que entre 787 bilhões e 2,3 trilhões de peixes são mortos anualmente para alimentar a humanidade. Ou seja, matamos um número de animais aquáticos que pode variar de 101 a 291 vezes o total de pessoas na Terra. Todos os anos.

Para atender a demanda dos consumidores e majorar os lucros, a indústria capitalista da exploração animal trata bois, vacas, galinhas, porcos, peixes, como meros insumos, desprezando as necessidades físicas e emocionais destes animais a um preço elevado para as vítimas diretas, mas também para os humanos, conforme veremos ao longo deste artigo.

Tabela 1. Animais explorados na produção de carne, leite e ovos no mundo (2019)

Destinação	Animal	Cabeças	
Produção ovos	Galinhas poedeiras	7,5	Bilhões
Produção leiteira	Vacas leiteiras	265	Milhões
Produção leiteira	Ovelhas leiteiras	250	Milhões
Produção leiteira	Cabras leiteiras	215	Milhões
Produção leiteira	Búfalas leiteiras	69,9	Milhões
Abate, carne	Frangos	72	Bilhões
Abate, carne	Patos	3,3	Bilhões
Abate, carne	Porcos	1,3	Bilhão
Abate, carne	Gansos/galinhas d'angola	723	Milhões
Abate, carne	Perus	635	Milhões
Abate, carne	Coelhos	633	Milhões
Abate, carne	Ovinos	602	Milhões
Abate, carne	Caprinos	502	Milhões
Abate, carne	Bovinos	324	Milhões
Abate, carne	Búfalos	27,6	Milhões
Abate, carne	Cavalos	4,9	Milhões
Abate, carne	Camelos	2,9	Milhões
Abate, carne	Jumentos	1,9	Milhão

Fonte: Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO/ONU).

Em 1964, o livro *Animal Machines*, da jornalista e veterinária Ruth Harrison revelou as péssimas condições a que os animais de produção eram submetidos na Inglaterra. A obra impactou a opinião pública e obrigou o governo britânico a investigar o assunto. À frente deste trabalho estava o zoologista Francis Brambell. A investigação revelou que boa parte dos animais criados na Inglaterra viviam em espaços insuficientes para que pudessem se deitar, virar, esticar os membros, cuidar do próprio corpo ou expressar outros hábitos que naturalmente apresentam na natureza.

A partir dessas constatações, foi criado um conselho de bem-estar animal, o Farm Animal Welfare Council. Em 1979, esse órgão publicou um documento com os princípios que passaram a nortear as boas práticas de bem-estar animal, os quais ficaram conhecidos como as cinco liberdades. Todo animal tem direito a: 1) estar livre de fome e sede; 2) estar livre de desconforto; 3) estar livre de dor, doença e injúria; 4) ter liberdade para expressar os comportamentos naturais da espécie; e 5) estar livre de medo e de estresse.

Por motivos óbvios, o agronegócio até supre as necessidades materiais dos animais de produção (matá-los de fome e sede não seria economicamente atrativo). No

entanto, os animais não humanos não podem viver apenas de alimento; eles precisam exacerbar suas necessidades emocionais. Os animais devem ter a liberdade para se comportar naturalmente, em espaço adequado e a companhia da sua própria espécie. Não é só o sofrimento físico que deve ser evitado. Os animais também não podem ser submetidos a condições de sofrimento mental, como ficar assustados ou estressados, por exemplo. Todos esses direitos são sistematicamente violados pela indústria capitalista da exploração animal. Para produzir uma quantidade tão expressiva de carne, desenvolvemos técnicas de confinamento em que se considera a fria matemática, em função de quantidade de animais que se consegue amontoar em determinado espaço para gerar a maior produtividade no menor tempo possível.

Além de produzir enorme sofrimento, os animais explorados neste modelo de agronegócio estão suscetíveis a doenças e ao consequente uso intensivo de antibióticos para tentar controlar as infecções, contribuindo para o processo de resistência a antibióticos. De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2017), a resistência aos antibióticos é atualmente uma das maiores ameaças globais à saúde, segurança dos alimentos e desenvolvimento. A resistência aos antibióticos ocorre naturalmente, no entanto o mau uso desses medicamentos em humanos e animais está acelerando o processo. Um número crescente de infecções – como pneumonia, tuberculose e gonorreia – está se tornando cada vez mais difícil de tratar enquanto os antibióticos utilizados têm se tornado menos eficazes. Para evitar o uso abusivo de antibióticos, a OPAS recomenda que o setor agropecuário adote sistemas sustentáveis com uma melhor higiene, biossegurança e manejo dos animais livre de estresse. Ou seja, algo incompatível com o sistema intensivo de produção animal.

Para além do sofrimento animal e riscos para a saúde humana, a alimentação carnista pode representar uma redução de oferta global de alimentos, considerando a baixa taxa de conversão alimentar⁴. É preciso gastar muito alimento, o qual poderia nutrir diretamente vários humanos, para produzir um pouco de carne. De acordo com Gary Francione (2013), para cada quilo de proteína animal produzido, os animais consomem quase seis quilos de proteína vegetal proveniente de grãos e forragem. Mais de 40% dos grãos mundial são dados para os animais na produção de carne. É necessário apenas um sexto de acre para alimentar um vegetariano durante um ano. Para alimentar um comedor de carne é preciso três acres. Isso significa que um acre de terra pode alimentar quase 20 vezes mais vegetarianos do que comedores de carne.

Num mundo em que antes da pandemia de Covid-19 quase 690 milhões de pessoas estavam subnutridas (FAO, 2020), a urgência da adoção de uma dieta abolicionista não é mais um projeto utópico de quem ama os animais. É questão de sobrevivência para todos. Os dados do relatório “O Estado da Insegurança Alimentar e Nutricional no Mundo” (FAO, 2020) mostram ainda que, para além da fome, um número cada vez maior de pessoas teve que reduzir a quantidade e a qualidade dos alimentos que ingerem. Dois bilhões de pessoas, ou 25,9% da população mundial, passaram fome ou não tiveram acesso regular a alimentos suficientes e nutritivos em 2019. Surtos de fome aguda no contexto da pandemia podem ver esse número aumentar ainda mais. Em todo o planeta, a pandemia de Covid-19 pode adicionar mais de 130 milhões de pessoas à fome crônica.

4 Taxa de conversão alimentar representa a relação entre o alimento/ração dado a um animal e o respectivo peso alcançado em determinado tempo.

A pressão por consumo de proteína animal tende a aumentar nos próximos anos em virtude de dois movimentos: o aumento de renda e o crescimento populacional. Segundo a FAO, teremos um acréscimo de 2 bilhões de pessoas até 2050. À medida que as populações se tornam mais ricas e urbanizadas, elas demandam mais alimentos de origem animal (carnes, peixes, laticínios, ovos). Em países como o Brasil, a carne se torna um símbolo de *status* social, de poder econômico; ostentar um churrasco no final de semana é motivo de orgulho para os novos consumidores⁵ (NEGRINI, 2019). No entanto, um alto consumo de carnes vermelhas e processadas pode contribuir para uma grande ingestão de gordura saturada ou sal e está associado a um risco aumentado de certos tipos de câncer e outras doenças relacionadas à dieta carnista. Da mesma forma, a FAO alerta que as dietas ricas em alimentos de origem animal, particularmente carne bovina, cordeiro, leite e outros produtos lácteos, têm um impacto ambiental maior do que as dietas abolicionistas, livres de exploração animal. A adoção de dietas saudáveis – o que implica na redução do consumo de produtos de origem animal – levaria a uma redução de até 97% nos custos diretos e indiretos com saúde e entre 41% e 74% no custo social das emissões de GEE até 2030. (FAO, 2020)

Outro aspecto não menos importante a se considerar, em que a violação dos direitos animais traz consequências para a vida humana, trata-se da disponibilidade de água. Num mundo em que 2,2 bilhões de humanos não têm acesso regular à água (ONU, 2020) – item essencial para o combate ao coronavírus – quase 90% da água doce consumida são usados na produção agrícola e, notadamente, na pecuária; para produzir um quilo de carne são necessários 15 mil litros de água (média mundial); para produzir um quilo de trigo, apenas 900 litros (FRANCIONE, 2013). Assim, uma alimentação a base de grãos, leguminosas, frutas e verduras, além de ser melhor para a saúde humana, causar menos danos ambientais, ser livre de sofrimento animal, significa maior disponibilidade de água para todos.

3 Sob o domínio dos “pets”

No mundo, mais da metade das pessoas têm pelo menos um animal de estimação (GfK, 2016), designados comercialmente como *pets*. Os dados são da empresa de pesquisa *Growth from Knowledge*, que realizou entrevistas online com mais de 27.000 mil pessoas (a partir de 15 anos), em 22 países, entre junho e agosto de 2015. Os dados foram ponderados para refletir a composição demográfica online da população em cada mercado. Na média dos países pesquisados, 57% das pessoas afirmaram ter algum animal, sendo 33% cachorros, 23% gatos, 12% peixes e 6% aves. No entanto, em países como o Brasil o número de animais considerados de estimação é ainda maior: 76% das pessoas declararam ter algum *pet*, sendo que 58% são tutores de cachorros, 28% de gatos, 7% de peixe e 11% de aves.

Ao contrário do senso comum, animais de estimação também têm seus direitos violados. Ao serem reduzidos à propriedade, meio de satisfação dos desejos humanos,

5 Em outra oportunidade, caberia uma reflexão mais aprofundada sobre aquilo que Joaquín Herrera Flores sustentava sobre a integralidade dos direitos humanos. Ou os direitos humanos se realizam como um todo, ou não se realizam. No caso, os direitos econômicos desacompanhados de informação fazem com que essa parcela da população, ao ter acesso à renda, opte por produtos cárneos prejudiciais à própria saúde e ao meio ambiente, em vez de privilegiar opções à base de plantas, ricas nutricionalmente e livres de exploração animal.

para suprir necessidade afetivas e de *status*, os animais são espoliados de conviverem com seus semelhantes, de expressarem comportamentos próprios de sua natureza, e de se realizarem enquanto espécie. Ademais, se os *pets* são objeto do “amor” humano, igualmente são depositários de muita violência justamente por essa proximidade. Inclusive, no Brasil, esse fato ensejou a aprovação da Lei 14064/2020, que aumenta as penas cominadas ao crime de maus-tratos a cães e gatos, para de 2 (dois) a 5 (cinco) anos de reclusão, multa e proibição da guarda⁶. O processo de aprovação da lei contou com a articulação do NEDAI, em conjunto com dezenas de outras entidades da sociedade civil pelos direitos animais, em especial com o Fórum Nacional de Proteção e Defesa Animal, na construção de estratégias de mobilização pública para sensibilização do Congresso Nacional para aprovação do texto.

Ao violarmos os direitos desses animais, mais uma vez os humanos também acabam vítimas de suas ações. Toda essa quantidade de animais, reproduzida e multiplicada artificialmente pela seleção humana, traz efeitos danosos ao meio ambiente. Animais de estimação, na maioria onívoros, se alimentam de ração a qual é feita com a proteína de outros animais, produzidos de forma intensiva, com toda degradação ambiental já elencada aqui.

Em pesquisa publicada em 2017, Gregory Okin investigou os efeitos da população norte-americana de animais de estimação (77,8 milhões de cães e 85,6 milhões de gatos), no consumo total de energia e carne dos EUA, bem como o impacto ambiental. De acordo com a pesquisa, o consumo de produtos animais de cães e gatos é responsável pela liberação de aproximadamente 64 milhões de toneladas de CO₂ e óxido nítrico, dois poderosos gases de efeito estufa. Os cães e gatos dos EUA consomem tanta energia dietética quanto 62 milhões de americanos, o que é aproximadamente um quinto da população norte-americana. Além disso, os efeitos da alimentação de cães e gatos nos Estados Unidos é proporcionalmente maior do que de pessoas, uma vez que eles obtêm mais energia de produtos de origem animal (33% ± 6% vs. 19% para as pessoas). (OKIN, 2017)

Okin chama a atenção que, para além da população crescente de animais de estimação, observa-se uma tendência de aumento da quantidade e qualidade da carne em alimentos para animais de estimação, o que resulta em aumentos adicionais no consumo de produtos de origem animal pelos animais de estimação. De acordo com o pesquisador, há evidências de que essa tendência pode continuar à medida que os jovens são mais propensos a comprar rações *premium*, que incluem maior quantidade de carne. Globalmente, o aumento da posse de animais de estimação em países em desenvolvimento também contribuirá para aumentar os impactos ambientais potenciais de cães e gatos de estimação. (OKIN, 2017)

Políticas públicas para castração gratuita de cães e gatos, proibição da reprodução comerciais de animais, microchipagem dos animais com identificação dos tutores, campanhas contra o abandono e pela adoção de animais, punição exemplar aos

6 O projeto foi considerado “especista” por muitos ativistas, por ser restrito a cães e gatos. Existem outros projetos de lei mais completos, que abarcam outros animais, silvestres e domesticados. No entanto, pela composição atual do Congresso Nacional, refletindo também o que é culturalmente admitido pela nossa sociedade, tais projetos não conseguem avançar. Assim, estrategicamente optou-se pela aprovação do projeto mais restrito para, posteriormente, pleitear a equivalência para todos os animais. Ademais, sendo os cães e gatos as vítimas de quase a totalidade das ocorrências de maus-tratos no âmbito familiar/humano, a diferenciação atende ao princípio constitucional da igualdade, que manda tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades.

crimes de maus-tratos, e sobretudo uma educação antiespecista, desde os anos iniciais da criança, são exemplos de políticas públicas que contribuiriam a longo prazo para a redução paulatina da população de animais de estimação, com os respectivos efeitos positivos no meio ambiente.

4 Sob o domínio das pandemias

Já vimos que os animais humanos e os animais domesticados pelos humanos (de produção e de estimação) dominam o cenário ecológico mundial, com consequências desastrosas para o meio ambiente. Nossas escolhas alimentares pressionam a exploração e morte de trilhões de animais todos os anos. Uma alimentação carnista demanda mais energia, terra e água e tem maiores consequências ambientais em termos de erosão, pesticidas e resíduos, do que uma dieta abolicionista, livre de exploração animal. Vimos também que é preciso pensar nos efeitos causados pelos animais tidos como estimação, em especial os cães e gatos. Mais da metade da população mundial possui pelo menos um *pet*, o que infla a demanda para a produção de carne para ração e, conseqüentemente, mais desmatamento de florestas, consumo de água, emissão de gases e dejetos poluidores da atmosfera e rios.

A partir de agora, vamos examinar de que forma o modo capitalista de produção de doenças está vinculada a exploração animal. HIV-1, encefalopatia espongiforme bovina (doença da vaca louca), síndrome respiratória aguda grave (Sars) e diversos vírus da gripe (suína, aviária). O que essas doenças têm em comum? Todas elas transitaram de animais para humanos (são zoonoses), a partir do aumento do contato dos seres humanos e dos animais domesticados com patógenos antes restritos ao ambiente selvagem.

O escritor científico David Quammen está sendo apontado como o homem que previu a pandemia do coronavírus por causa de um trabalho que publicou em 2012, “Spillover: Animal infections and the next human pandemic” (Transbordamento: Infecções animais e a próxima pandemia humana, em tradução livre). Na obra (lançada no Brasil em 2020 com o título “Contágio”), Quammen investigou as infecções que migram do mundo animal para os humanos (um processo chamado de “spillover” em inglês) e alertou que o aumento de zoonoses no século 21 poderia causar uma nova grande pandemia, nos moldes da gripe espanhola em 1918.

Quammen (2020) chama a atenção para o fato que somos quase 8 bilhões humanos extraindo recursos do meio ambiente de forma predatória, vivendo em aglomerados populacionais muito densos nas cidades e viajando muito e com mais rapidez. Atividades como o desmatamento e a caça invadem *habitats* e forçam o contato com animais selvagens que podem carregar infecções. Assim, se um vírus for transmitido de um animal para um humano, e depois se propagar entre humanos, há grandes chances de esse vírus infectar um número enorme de pessoas e circular em todo o mundo em um período muito curto de tempo. Foi o que ocorreu com a atual pandemia. Pesquisas indicam que o coronavírus migrou de um morcego para um pequeno mamífero, o pangolim, depois deste para os humanos e, por fim, de humanos para outros humanos.

Há mais de uma década, pesquisadores como o biólogo evolucionista Rob Wallace (ex-consultor da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura e do Centro de Controle e Prevenção de Doenças Infecciosas dos Estados Unidos)

vem alertando para a ameaça de pandemias globais cada vez mais frequentes e letais. Para ele, as pandemias não são infortúnios da natureza, mas sim efeitos programados da maneira como passamos a criar animais para consumo nos últimos quarenta anos. Em “Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência”, Wallace (2020) aponta o modo de produção capitalista aplicado às atividades agropecuárias como a principal causa dos vírus pandêmicos das últimas décadas. Quem já teve a oportunidade de conhecer uma granja ou a uma fazenda produção de carne sabe que são milhares de animais confinados, muitas vezes impedidos de dormir e comendo 24 horas por dia para engordar e ir para o abate cada vez mais rápido.

Wallace (2020) explica que em condições normais há um limite natural para a virulência de patógenos. Afinal, se você for um patógeno, não vai querer matar seu hospedeiro antes de infectar o próximo, ou isso destruiria sua própria cadeia de transmissão. Mas e se você, patógeno, percebe que o próximo hospedeiro está chegando cedo demais? Oras, você pode se tornar virulento a vontade, pois o próximo hospedeiro suscetível da cadeia já está disponível. É isso que a indústria capitalista da produção animal proporciona. Desde a década de 70, a produção pecuária intensiva se espalhou pelo planeta. Nosso mundo está cercado por monoproduções de bilhões de bois, porcos e aves amontoados lado a lado, em uma ecologia quase perfeita para a evolução de várias cepas virulentas. Animais produzidos em monoculturas, compartilhando raça, idade e sistema biológico. Aos olhos da natureza, cuja lei mais importante é o equilíbrio na diversidade, isso se apresenta como um banquete irresistível aos micro-organismos.

5 Sob a emergência da esperança

Em sua sociologia das ausências e emergências, Boaventura Santos (2008) tece uma crítica ao modelo de racionalidade dominante – a razão indolente –, a qual cria ausências com sua ótica totalizante. Esta faceta da razão indolente, Santos denomina como razão metonímica, pois, assim como na figura de linguagem, a parte assume o papel do todo. A razão metonímica é responsável por nutrir o discurso de que não há alternativas ao hegemônico. Fora do “todo” não existe nada que mereça ser conhecido. Dessa forma, a razão indolente esconde e desacredita alternativas que não cabem em sua ótica totalizante, ou seja, produz ausências. Para superar essa ótica, Santos propõe uma razão cosmopolita baseada em ecologias de saberes, sistemas econômicos e produtivos (NEGRINI, GERALDES e SOUSA, 2017, p. 352-353).

A indústria capitalista da exploração animal opera na ótica metonímica para fazer crer que a carne animal é a única (ou a melhor) fonte disponível e “completa” de proteína, com aminoácidos essenciais para a vida humana. Para que essa ideia totalizante seja possível de se sustentar é preciso invisibilizar que proteínas vegetais são completas e oferecem outras vantagens para a saúde humana com relação às de origem animal. É preciso ocultar, por exemplo, que leguminosas como tremoço, lentilha, feijão, soja⁷, grão-de-bico, amendoim, possuem quantidades equivalentes de proteína

7 A soja vem sendo “demonizada” como uma das responsáveis pelo desmatamento das florestas. No entanto, é preciso frisar que a maior parte dos grãos vira ração para animais de abate e não é utilizada para alimentação humana. Assim, se você consome carne, além de incentivar o sofrimento animal, está contribuindo para estimular a monocultura da soja, que devasta florestas e ecossistemas. Ademais, optar pelo consumo de grãos orgânicos é uma estratégia buscada por veganos para evitar financiar um sistema produtivo prejudicial ao meio ambiente.

da carne e algumas ainda chegam a possuir mais cálcio do que o leite de vaca⁸. (NEGRINI, 2019)

Para que 265 milhões de vacas sigam violentadas todos os anos no mundo – mamíferos só produzem leite para alimentar os filhotes, de forma que as vacas precisam ser engravidadas artificialmente para manterem-se produtivas –, é preciso fazer crer que o leite é um alimento imprescindível para a vida humana. A ótica metonímica da indústria leiteira precisa nos convencer que o leite de vaca é fonte imprescindível de cálcio, sem o qual estaremos fadados a sofrer com osteoporose. Mas nem de longe o leite de vaca é o mais indicado para este fim. Depois de uma pesquisa de quase uma década, professora Sônia T. Felipe (FELIPE, 2016), precursora dos estudos abolicionistas no Brasil, publicou um verdadeiro tratado sobre a indústria do leite e seus efeitos sobre a saúde humana, devastação ambiental, potencial de propagação de doenças, e sofrimento animal. “Galactolatria: mau deleite” é um livro imprescindível para mergulhar nesta compreensão.

Na Tabela Brasileira de Composição de Alimentos (TACO, 2011) é surpreendente constatar que a semente de gergelim – da qual é possível extrair um “leite” saboroso – contém 825mg de cálcio, quantidade seis vezes maior do que a encontrada no leite de vaca (123mg)⁹. O “leite” da semente de gergelim ainda tem a vantagem de também ser rico em magnésio, o que vai ajudar o cálcio a se fixar nos ossos. Coisa que o leite de vaca não faz, mas que a indústria da exploração animal prefere não revelar. Afinal, somente no Brasil, são mais de 1,3 milhão produtores de leite; uma indústria que movimenta R\$ 105 bilhões de reais ao ano (SEBRAE-SP, 2016). (NEGRINI, 2019)

Em 2017, a média nacional de produção de leite chegou a 1.963 litros por vaca (IBGE, 2018). Considerando uma taxa de ocupação média de três animais por hectare, teríamos uma produção anual de pouco mais de quatro mil litros de leite/ha. Com uma produtividade de 1.500 kg/ha, no mesmo espaço, seria possível produzir duas vezes mais “leite” de gergelim (11 mil litros), e o resíduo ainda poderia gerar outros produtos, como a ricota de gergelim (IAC, s.d.). (NEGRINI, 2019)

Tirando o véu da razão metonímica, nosso horizonte alimentar se expande e enriquece. Em vez de apenas leite de vaca, podemos escolher entre leite de aveia, gergelim, soja, coco, castanha, arroz, amêndoas, e tantos outros, cada qual com suas propriedades nutricionais e sabores. Em vez de carne de boi, frango ou peixe, ganhamos em variedade e qualidade nutricional com carne de soja, de jaca, de casca de banana, carne de caju, cogumelos, tofu, ervilha, grão de bico, lentilha, para ficar nos exemplos mais comuns.

Quando falamos de expansão do mercado de produtos de origem animal, com a inclusão de novos consumidores, seja pelo aumento da população ou do incremento da renda, o caminho mais simples perseguido pelos capitalistas é a busca de novas áreas para desmatar, fazer áreas de pastagens, aumentar o rebanho. Os capitalistas mais “avançados” irão valer dos especialistas, que vão sugerir “soluções” como melhorar geneticamente o rebanho, substituir a criação extensiva pela intensiva, investir em novas fórmulas de alimentação. No entanto, todas essas “soluções” envolvem sempre mais violações aos direitos animais, mais usurpação do meio ambiente, mais utilização de pesticidas, antibióticos e outros componentes, os quais também vão ser consumidos

8 Os dados nutricionais completos de 597 alimentos mais consumidos pelos brasileiros estão disponíveis na Tabela Brasileira de Composição de Alimentos (TACO, 2011).

9 Composição de alimentos por 100 gramas de parte comestível.

por tabela pelos humanos, com riscos para a saúde. Todas essas “soluções” nos aproximam cada vez mais do risco de novas pandemias.

Solução bem mais simples – porque motivo os especialistas não falam nisto? – seria substituir a criação animal por opções a base de planta. No caso do leite, em várias culturas seria possível atingir o dobro da produção, no mesmo espaço, com a vantagem de ainda gerar resíduos que podem virar queijos, ricotas, farelos, para alimentação humana. Já o resíduo da pecuária é montanhas de fezes e urina. Os animais criados pela indústria da exploração animal produzem 130 vezes mais dejetos do que a população humana, o que se torna um grande problema ambiental, com contaminação de nascentes, lençóis freáticos. Não é à toa que muitos países desenvolvidos preferem importar a carne em vez de produzirem em seus próprios territórios. Assim, os riscos ecológicos são assumidos pelo terceiro mundo, enquanto os mais ricos garantem um “bom” filé e mais um litro de leite à mesa, livres da sujeira em seus quintais.

Apesar do cenário desanimador, há mudanças à vista. Em todo o mundo experiências que fogem da ótica capitalista de exploração da terra e dos animais ganham visibilidade. A pandemia do coronavírus está nos trazendo dores coletivas e pessoais imensuráveis, mas também se aporta a esperança de que que fique algum aprendizado e determinação para mudar.

De acordo com o Ipea (2020), impulsionada pela demanda crescente por alimentos saudáveis, a agricultura orgânica avança em certificação, área plantada, número de produtores e volume produzido no Brasil e no mundo, para consumo interno ou exportação. O estudo demonstra que as vendas de produtos orgânicos no varejo aumentaram à média de 11% entre 2000 e 2017, um indicador que expressa o dinamismo desse setor, principalmente quando se compara o resultado aos dados sobre vendas de produtos agrícolas básicos não orgânicos. Nesse mesmo período, a área agricultável mundial destinada a cultivos orgânicos aumentou 365%, quase 10% ao ano. A demanda internacional por produtos orgânicos tende a crescer continuamente ao longo dos próximos anos, uma vez que esses produtos têm sido progressivamente associados com maiores níveis de segurança e saúde aos consumidores e menores impactos sociais e ambientais. O Brasil situava-se em 12º lugar entre os 20 países com as maiores áreas de produção orgânica em 2017. É o maior produtor de arroz orgânico da América Latina, com mais de 27 mil toneladas anuais, e lidera a produção mundial de açúcar orgânico.

Em 2019, o primeiro fundo de investimento vegano foi listado na Bolsa de Nova York. O VEGN considera fatores ambientais, sociais ou de governança, além da defesa aos animais em decisões de investimento. Manter esses investimentos é uma forma de pressionar as empresas a mudarem seu comportamento para não perderem investidores. A seleção de empresas cujos negócios não testam produtos em animais, ou usem produtos derivados de origem animal, combustíveis fósseis, plástico ou agroquímicos, significou a eliminação de 43% das 500 maiores empresas norte-americanas.

No Brasil, 14% da população se declara vegetariana, segundo pesquisa do IBOPE Inteligência em 2018. A pesquisa mostra ainda o crescimento rápido no interesse por produtos veganos (ou seja, livres de qualquer ingrediente de origem animal) na população em geral: mais da metade dos entrevistados (55%) declara que consumiria mais produtos veganos se estivessem melhor indicados na embalagem ou se tivessem o mesmo preço que os produtos que estão acostumados a consumir (60%). Nas capitais, esta porcentagem sobe para 65%. (IBOPE, 2018)

Em seu recente livro, “Como evitar um desastre climático: As soluções que temos e as inovações necessárias”, o bilionário norte-americano Bill Gates (2021), afirmou que para evitar uma catástrofe climática de proporções mundiais, a humanidade deve parar de comer carne. Na obra, ele apresenta diversas sugestões com foco em soluções de tecnologia. O cofundador da Microsoft é um dos principais investidores da produtora norte-americana de carne cultivada em laboratório, a Memphis Meats. A empresa fabrica seus produtos a partir de células de animais cultivadas em laboratório, diferente de companhias como as norte-americanas Beyond Meat e Impossible Foods e as brasileiras Fazenda Futuro e Superbom, que desenvolvem alternativas com base em proteínas vegetais, imitando – com cada vez mais sucesso – a aparência, sabor e textura da carne animal. Gates (2021) defende que as pessoas podem se acostumar com o sabor das carnes a base de plantas (que estão cada dia melhores), e defende que países ricos comam apenas carne sintética. Com o tempo, o valor desses produtos também se tornaria acessível para as demais nações.

6 Para seguir adiante

Todas as vezes que uma nova pandemia se instala no planeta, os especialistas são chamados a dar respostas à crise apresentando uma vacina, um remédio, algo que nos devolva a vida “normal” o quanto antes. Com mais de 3 milhões de pessoas mortas em todo mundo, sim, é primordial todos os esforços no sentido de estancar o problema. No entanto, para além da crise presente, sem uma reflexão permanente sobre as causas estruturantes que nos trouxeram a este cenário, será questão de tempo até que uma nova pandemia se instale.

Vimos que ao violarmos o direito à vida de animais não humanos, reduzindo-os a um produto após uma existência de tortura e exploração, os animais humanos também acabam vitimados. A Covid-19 é exemplo disso. Teremos coragem de olhar para o futuro e verdadeiramente questionar nossa relação predatória com o meio ambiente, enfrentar o modelo do agronegócio que exaure os recursos naturais, em nome do lucro, socializando apenas os prejuízos quando algo dá errado?

Portanto, à luz dos dados discutidos, individualmente, cabe a cada um de nós repensar nossas escolhas de consumo, hábitos alimentares, sabendo que uma dieta abolicionista – livre da exploração animal – salva não apenas bois, porcos, frangos e peixes, mas também os animais humanos. Individualmente, está em nossas mãos coisas como escolher adotar um animal de rua e castra-lo, em vez de contribuir para a reprodução comercial de novos *pets*, que não se realizam enquanto espécie e vivem apenas para satisfação humana.

Coletivamente, nos impõe a urgência de questionar o sistema capitalista de exploração animal, pensar na emergência de modelos sustentáveis de produção de alimentos, com a ampliação da agricultura orgânica, integração com sistemas agroflorestais, com a produção de diversidade de culturas, o que equilibra a ecologia do meio. Por fim, nos impõe a tarefa de pensar e agir politicamente, pois para realizar as mudanças necessárias, precisamos eleger líderes comprometidos com a defesa de todas as formas de vida, pois se uma coisa nos ensinou o coronavírus é que ou vivemos de forma mais harmônica com todos os seres do mundo e a natureza, ou não viveremos.

Referências

- EL PAÍS. **Dinamarca sacrificará 17 milhões de animais para conter variante do coronavírus que infectou humanos**. Fonte: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-11-05/dinamarca-sacrificara-17-milhoes-de-animais-para-conter-variante-do-coronavirus-que-infectou-humanos.html>>, 2020.
- FAO, I. U. **El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo 2020**. Acesso em 27 de 04 de 2021, disponível em FAO: <<http://www.fao.org/3/ca9692es/ca9692es.pdf>>, 2020.
- FAO/ONU. **World Livestock 2013: Changing disease landscapes**. Rome. Fonte: <<http://www.fao.org/3/i3440e/i3440e.pdf>>, 2013.
- FAO/ONU. **El Estado de los bosques del mundo 2016. Los bosques y la agricultura: desafíos y oportunidades en relación con el uso de la tierra**. Fonte: Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura: <<http://www.fao.org/3/i5588s/i5588s.pdf>>, 2016.
- FAO/ONU. **FAOSTAT Datos sobre alimentación y agricultura**. Fonte: Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação: <<http://www.fao.org/faostat/es/#data/QL>>, 2019.
- FELIPE, S. T. **Galactolatria: mau leite** (2a. ed. rev. ed.). São José, SC: Edição da autora, 2016.
- FISHCOUNT. **Estimated numbers of individuals in annual global capture tonnage (FAO) of fish species (2007 - 2016)**. Fonte: <<http://fishcount.org.uk/studydatascreens/2016/numbers-of-wild-fish-A0-2016.php?>>, 2007-2016.
- FRANCIONE, G. L. **Introdução aos Direitos Animais**. (R. Rheda, Trad.) Campinas: Unicamp, 2013.
- GATES, B. **Como evitar um desastre climático: As soluções que temos e as inovações necessárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GfK. **Animais de estimação. Pesquisaglobal GfK**. Fonte: Growth from Knowledge (GfK): <https://cdn2.hubspot.net/hubfs/2405078/cms-pdfs/fileadmin/user_upload/dyna_content/br/documents/reports/global-gfk-survey_pet-ownership_2016_por_v2.pdf>, 2016.
- HAHARI, Y. N. **Homo Deus: Uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- IAC. (s.d.). **Cultura do gergelim**. Acesso em 27 de fevereiro de 2019, disponível em Instituto Agrônomo do Estado de São Paulo: <<http://www.iac.sp.gov.br/cultivares/inicio/Folders%5CGergelim%5CIACOuro.htm>>.
- IBGE. **PPM 2017: Rebanho bovino predomina no Centro-Oeste e Mato Grosso lidera entre os estados**. Acesso em 08 de fevereiro de 2019, disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/22648-ppm-2017-rebanho-bovino-predomina-no-centro-oeste-e-mato-grosso-lidera-entre-os-estados>>, 2018.

IBOPE. **Pesquisa de opinião pública sobre o vegetarianismo**. Fonte: Sociedade Vegetariana Brasileira: <https://www.svb.org.br/images/Documentos/JOB_0416_VEGETARIANISMO.pdf>, 2018.

IPEA. **Produção e Consumo de Produtos Orgânicos no Mundo e no Brasil**. Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2538.pdf>, 2020.

LAPPÉ, F. M. **Diet for a Small Planet** (10 ed.). New York: Ballantine Books, 1981.

NEGRINI, V. **Sobre veganos e outros bichos : as estratégias de comunicação pública do ativismo animal**. Acesso em 08 de 06 de 2020, disponível em UnB: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/35464/1/2019_VanessaNegrini.pdf>, 2019.

NEGRINI, V.; GERALDES, E.; SOUSA, J. Comunicação e democracia: o impacto da cobertura televisiva nas manifestações de março no Brasil. Em J. G. SOUSA JR, & Et. al., **O Direito Achado na Rua: Introdução Crítica ao Direito à Comunicação e à Informação**, (Vol. 8). Brasília, 2017.

OKIN, G. **Environmental impacts of food consumption by dogs and cats**. Fonte: PLoS ONE: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0181301>>, 2017.

ONU. **Covid-19 mostrou que investimentos em água e saneamento são essenciais**. Fonte: ONU News: <<https://news.un.org/pt/story/2020/08/1721771>>, 2020.

OPAS. **Folha informativa - Resistência aos antibióticos**. Fonte: Organização Pan-Americana da Saúde: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5664:folha-informativa-resistencia-aos-antibioticos&Itemid=812>, 2017.

QUAMMEN, D. **Contágio, infecções de origem animal e a evolução das pandemias**. Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, B. D. **A gramática do tempo** (2 ed.). São Paulo, SP: Cortez, 2008.

SEBRAE-SP. **Pesquisa Setor/Segmento Agropecuário de Leite**. Acesso em 27 de fevereiro de 2019, disponível em Sebrae: <<http://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/SP/Pesquisas/Agropecua%CC%81ria%20de%20Leite.pdf>>, 2016.

SINGER, P. **Libertação Animal**. (M. WINCKLER, & M. B. CIPOLLA, Trans.) São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

TACO. **Tabela Brasileira de Composição de Alimentos**. (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação – NEPA da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP) Acesso em 26 de fevereiro de 2019, disponível em Conselho Federal de Nutricionistas: <http://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/taco_4_edicao_ampliada_e_revisada.pdf>, 2011.

WALLACE, R. **Pandemia e agronegócio: Doenças infecciosas, capitalismo e ciência**. Editora Elefante. Fonte: Pandemia e agronegócio: Doenças infecciosas, capitalismo e ciência, 2020.